

Pessoal docente

P: De uma forma sucinta, faça, por favor, uma apresentação de si próprio. Há quantos anos lecciona nesta escola? Faz parte de algum órgão directivo da escola?

R: Fui das primeiras alunas da Academia, sou da fundação da escola e fui das primeiras alunas a terminar o curso superior de piano aqui. Só durante um ano estive noutra escola dado que a academia ainda não tinha autorização para leccionar o curso superior, isto em 1962/63. Fiz em paralelo o curso superior de Canto aqui na Academia que terminei em 1966. Na altura em que estava a frequentar o curso superior, a minha professora que era a Directora Pedagógica e a fundadora, pelo facto de ser convidada para organizar o Conservatório de Música de A..., passou a ter menos disponibilidade de tempo para dedicar a esta academia. Então, lançou-me como professora de educação musical. Como sempre fui sua aluna, ela viu em mim qualidades dando-me portanto oportunidade de lhe suceder na leccionação da disciplina. Com felicidade minha porque os primeiros alunos que preparei para exame, que eram examinados por um júri que vinha propositadamente do Conservatório Nacional, tiveram classificações muito boas.

P: Durante a sua permanência na escola fez, muitas vezes, parte dos seus órgãos de gestão?

R: Entretanto a Directora, pelo trabalho brilhante que realizou e que era reconhecido foi convidada para instalar a Academia de Música S. C.... em Lisboa. Ficou a substituí-la uma professora que não tinha grande disponibilidade para a direcção. Esta docente esteve somente um ano na direcção. Seguiu-se-lhe outra professora que permaneceu no cargo penso que dois anos e a partir daí “entrei ao serviço”, permanecendo onze anos seguidos no cargo de Directora Pedagógica. Entretanto a escola cresceu bastante e os problemas foram-se avolumando. Com o 25 de Abril, após muitos pedidos meus à direcção para ser substituída, decidi mesmo

abandonar as funções. Por falar no 25 de Abril, lembro-me que nesse dia tínhamos marcada uma audição no Salão Nobre da Câmara e eu, naturalmente fiquei muito aflita. Liguei logo ao Presidente da Câmara, que era também o presidente da direcção administrativa da Academia, perguntando-lhe o que íamos fazer. A sua opinião foi que tudo se fizesse normalmente. Com algum receio fizemos a audição sem que, obstante, alguns jovens quisessem invadir o espaço para retirar de lá alguns retratos das figuras do regime deposto. Mesmo assim realizámos o concerto sem que se tivessem registado quaisquer outras anomalias. Com o 25 de Abril tudo entrou em mudança. As escolas começaram a ter novos processos de direcção e criaram-se os órgãos directivos. Nessa altura as escolas, mesmo as públicas, eram dirigida por directores ou reitores. Eu própria sou das poucas pessoas no ensino particular que possui um diploma de director passado pelo Ministério da Educação Nacional. Depois desses onze anos na Direcção Pedagógica estive alguns anos sem assumir quaisquer cargos. O cansaço e alguma desilusão foram factores essenciais para ter rejeitado continuar. Alguns acontecimentos que se deram no período pós 25 de Abril desgostaram-me imenso e a minha desilusão com a escola foi grande. Mas o tempo foi passando, os hábitos foram-se consolidando e normalizando e então acabei mesmo por voltar às lides directivas, por pressão de algumas pessoas influentes. Fui mais que uma vez Directora Pedagógica e inclusivamente integrei a Direcção Administrativa da escola. Presentemente estou afastada de todos estes órgãos limitando a minha actividade à leccionação.

P: Considera-se a pessoa com mais carisma na escola?

R: Por todo o percurso que realizei, pelo estatuto que granjeei, até por ser das professoras mais antigas e pelos processos atribulados que vivi, conheço muito bem a escola. Modéstia à parte, mas dentro da escola serei a pessoa que domina mais abrangentemente a organização e tudo o que envolve esses procedimentos todos: directivo, organizativo. Se me perguntarem neste momento se a escola tem determinado documento, se sei onde poderá encontrar-se, sou capaz de indicar o local onde se encontra.

Muita coisa está ainda organizada por mim e passou pelas minhas mãos e a verdade é que correntemente me vêm pedir ajuda. Independentemente de algumas fricções com determinados elementos dentro da escola, acima de tudo, está o amor que tenho à escola. Cresci dentro deste ambiente escolar e toda a minha vida adulta, com mais ou menos atribuições, se passou dentro desta instituição. Se voltasse atrás talvez não tivesse feito o mesmo percurso pois perdi algumas oportunidades. Na minha mocidade, para se evoluir tínhamos de ir estudar para o estrangeiro pois em Portugal nada se proporcionava. Como me dediquei, desde cedo, imenso à escola fiquei sem tempo para procurar outras coisas. Nunca concorri ao ensino oficial como colegas meus fizeram. Os professores do ensino oficial têm outras regalias que nós não temos: estabilidade, segurança, melhores reformas. No ensino particular quase não há regalias, não temos redução de horários, trabalhamos sempre as 22 horas semanais até ao fim da nossa carreira e temos uma tabela de vencimentos que não é equiparada. Se lamento essa parte, também tenho que dizer que o que fiz deu-me sempre imenso prazer e fi-lo com muito gosto.

P: Considera-se uma professora activa e interventiva na vida da escola?

R: Como disse, a minha preocupação sempre foi o bom nome da escola quer no interior quer no exterior. Quando algo corre menos bem e eu tomo conhecimento disso, sou a primeira pessoa a alertar a direcção para esse facto.

P: Normalmente as pessoas dirigem-se a si para lhe exporem problemas?

R: Sim. Sabe que para bem ou para mal as pessoas identificam-me muito com a escola. Claro que as pessoas mais jovens ou as pessoas que vieram de fora para cá residir, essas não conhecem a história da Academia. Os naturais e as pessoas que passaram por cá, naturalmente que vêm em mim uma referência. Ainda se abeiram de mim e me questionam. Há um determinado leque de pessoas que se preocupam e conversam comigo

sobre aspectos positivos e negativos que ocorrem. A minha intervenção é sempre no sentido de contribuir para a solução dos problemas.

P: Os contactos que mantém com o director pedagógico/direcção pedagógica da escola são efectuados com que finalidade? Como procede para resolver assuntos de carácter administrativo? E pedagógico?

R: os contactos que mantenho com a Directora Pedagógica são sempre com a intenção de ajudar e colaborar, sempre que alguma coisa me desagrade ou ainda que não esteja a correr tão bem, sinto-me na obrigação de alertar para a situação. Dentro da Academia há colegas com quem estou mais à vontade para ter esse diálogo, mas é evidente que também há pessoas com quem privilegio mais as minhas relações. Inclusivamente na actual Direcção Pedagógica há dois elementos que já foram minhas alunas. Não quer dizer que eu tenha qualquer ascendência sobre elas. Não imponho nada mas sinto uma grande à-vontade para falar com elas abertamente. De uma maneira geral sinto que as pessoas me respeitam quer sejam professores, alunos, funcionários e encarregados de educação. Quanto aos assuntos de carácter pedagógico comunico com a Direcção Pedagógica, os de natureza administrativa, não tenho tido quaisquer contactos por não ter tido necessidade.

P: Os problemas e assuntos que coloca ao director pedagógico/direcção pedagógica têm sido por norma resolvidos ou eternamente adiados?

R: Sim, normalmente são. Claro que uma escola com esta dimensão implica um sem número de problemas e naturalmente nem sempre a Direcção Pedagógica tem aquela disponibilidade imediata para tudo resolver. Temos de compreender a lentidão com que são resolvidos alguns assuntos. Isto implica uma grande actividade e a DP trabalha muito mais horas do que aquelas que lhe estão atribuídas, se quer fazer um bom trabalho.

P: Quando propõe algum assunto que considera de interesse para a vida da escola a sua opinião normalmente é aceite?

R: Sim, porque também quando vou levantar algum problema ou vou sugerir alguma coisa, não vou de ânimo leve. Não tenho um tipo de actuação imediata sobre qualquer problema. Por norma não reajo a quente e por isso já fui acusada por não resolver as coisas de imediato. Gosto de meditar bastante e ponderar as minhas decisões. Foi algo que aprendi com a fundadora desta instituição, foi o meu exemplo. Nunca actuava de imediato nem explodia à frente de ninguém. Uma noite bem dormida ajuda-nos a ter uma outra visão do problema. O travesseiro sempre foi o meu melhor conselheiro.

P: As decisões de âmbito pedagógico e administrativo determinadas pelos superiores hierárquicos têm sido geralmente bem aceites por todos ou têm sido contestadas?

R: Conforme o tipo de decisão tem havido um problema ou outro que, no entanto, não tem interferido com a vida da escola. Naturalmente que há regras que são discutíveis e como vivemos em democracia, pomos algumas interrogações. Mas não quero entrar por aí. Pela minha parte procuro respeitar as decisões.

P: Considera haver na escola um ambiente favorecedor de práticas democráticas em que a participação dos diferentes actores na definição das políticas educativas é correntemente solicitada?

R: A escola sempre teve a intenção de que essas práticas democráticas existissem, mas nem sempre são bem acolhidas. Basta verificar isso quando os sócios são solicitados para reuniões quer ordinárias quer extraordinárias. Fazem-se representar muito poucas vezes e há reuniões com uma participação muito baixa.

P: E no que respeita aos professores. Eles são ouvidos?

R: Sim, são ouvidos dentro dos seus grupos. Quando temos necessidade de resolver algum problema falamos com a delegada de grupo e fazemos reuniões para tratar desses problemas. É evidente que nem tudo funciona como nós gostaríamos. Há sempre um professor ou outro que é menos participativo. Sabe bem que em todo o lado, noutras escolas, há professores que são activos, cumpridores e há a outra face da moeda, professores que

se limitam a dar as suas aulas, não se envolvem em nada e são pouco participativos. De um modo geral a escola possibilita a intervenção das pessoas desde que estejam disponíveis e receptivas. O corpo docente é muito estável e isso é interessante e fundamental para a escola. Os professores já conhecem perfeitamente as regras, o ambiente, o modo como se trabalha, o que se exige, o que têm de respeitar. Os professores novos sentem-se mais à-vontade para discordarem de uma deliberação ou alteração porque ainda não foram “aculturados” pela instituição. Não estão tão acomodados à dinâmica da escola. Considero que tem de haver, acima de tudo, respeito por quem dirige. Quem dirige tem de impor regras que, por sua vez, têm de ser cumpridas.

P: Em sua opinião quem define a estratégia da escola, o director pedagógico/direcção pedagógica ou a direcção administrativa? Quais destes actores reúne maior poder?

R: Os poderes são diferentes. Deveria haver, e isso tem sido um inconveniente, uma ligação mais profunda entre os órgãos.

P: O Director Pedagógico participa nas reuniões da Direcção?

R: Participa quando solicitado. As reuniões da direcção por norma não têm a presença do DP. Nos primeiros anos em que integrei a DA havia por hábito fazer uma reunião mensal entre as duas direcções e isso era muito conveniente. Mercê das dificuldades das pessoas em disponibilizar horários, às vezes as coisas deixavam de funcionar e essa rotina foi-se perdendo. Não havendo uma periodicidade constante as pessoas vão-se desleixando e tudo termina. Nesta escola a DA é muito actuante e tem muito poder. A DP não tem poderes para deliberar nada administrativamente sem autorização da DA. Por isso a DA tem de reunir muitas vezes.

P: Considera que há uma intromissão administrativa sobre a componente pedagógica?

R: Acho que não há. Se acontece alguma interferência é em situações em que a DA toma conhecimento de que algo não está a funcionar bem. A DA tem o dever e o poder de alertar a DP sobre situações menos claras. Neste

momento a situação está facilitada porque a Presidente da DA é também professora da escola e o relacionamento entre os órgãos é facilitado.

P: Na sua opinião o que prevalece mais na escola, são decisões de natureza administrativa ou pedagógica?

R: Não considero que a parte pedagógica tenha menos poder e se subalternize relativamente à administrativa. É evidente que a DP tem muito mais coisas para definir. A escola tem um regulamento que define as competências de cada órgão. Se as decisões da DP envolvem meios financeiros a DA tem de ser ouvida e é por isso que, de vez em quando, têm que reunir para acertar agulhas. Mas a DA a nível pedagógico não interfere. Poderá alertar, por exemplo, quando há um encarregado de educação que apresenta uma queixa. Por norma a queixa é endereçada à DA que por sua vez vai inquirir a DP sobre o assunto se este for da sua competência. Esta, por sua vez desenvolve os procedimentos mais indicados para solucionar o problema e informa a DA. Ao nível, por exemplo da contratação ou substituição de professores, horários da escola, tudo o que se relaciona com a parte pedagógica, a direcção não se intromete. Acontece ou antes aconteceu que os elementos da DA por norma não eram professores e de música não percebiam nada. Então, por vezes, queriam gerir a escola como se de uma empresa se tratasse. Há coisas que até se aceitam, mas há outras que de modo nenhum se podem admitir nem sequer comparar-se. Tem havido pessoas que por serem donos de empresas ou de fábricas tentam introduzir técnicas empresariais, regras e hábitos que não se coadunam a uma escola e isso criou algumas incompatibilidades.

P: Na sua perspectiva vê alguma vantagem na participação de actores externos na vida da sua escola, como pais e outros elementos da comunidade?

R: Tem interesse os pais participarem activamente na vida da escola. Porque estão mais à-vontade para criticarem qualquer coisa que esteja menos bem e, no exterior, é mais fácil às pessoas o contacto com esses elementos. Quando estive na DA muitos problemas que eram discutidos resultavam de contactos com os pais e eram as pessoas que constituíam o

órgão os portadores desses casos. Por outro lado, como tomam parte nas decisões eles próprios defendem a instituição no exterior. Assim a escola não é só dos professores, é da comunidade, comunidade que abrange uma vasta região não se limitando às fronteiras do concelho.

P: Na sua opinião quem sabe mais da vida da escola, sobre os alunos, os professores, os pais, etc.?

R: Neste momento não me é fácil identificar essa pessoa, talvez porque dos professores mais antigos possivelmente já todos passaram por direcções, já todos tiveram responsabilidades na gestão da Academia. Tem havido uma certa rotatividade até porque o regulamento diz, e isso nem sempre tem sido cumprido, que um dos elementos da Direcção Pedagógica deve ser um professor que trabalhe a tempo inteiro na escola. Isso nem sempre acontece até porque são poucos os docentes nessas circunstâncias. Ao longo destes anos todos já integrei várias direcções pedagógicas. Em certa altura saio mas mais tarde ou mais cedo regresso.

P: Mas não há mesmo uma figura mais carismática ou é um conjunto de pessoas?

R: Não me parece que haja uma figura carismática que se distinga no meio das outras.

P: Se por um dia lhe fosse concedido o poder de mudar algo na sua escola, o que faria preferencialmente?

R: Medidas drásticas não tomaria porque não vejo necessidade de fazer grandes alterações. Naturalmente que quem entra quer sempre mudar algo e deixar o seu cunho pessoal e a sua intervenção. Poderia corrigir algumas coisas que me vou apercebendo não estarem tão bem, mas nada de empolgante que criasse roturas. Não há assim nada de especial que precise de grandes mudanças. A maior dificuldade que existe nesta e noutras escolas é a falta de recursos financeiros. É como diz o ditado “casa onde não há pão ...”, e por vezes surgem alguns problemas derivados disso mesmo.

Muito obrigado pela sua colaboração!

Agostinho Vieira, Junho/2003